

PROMOÇÃO DA AUTOESTIMA E DO AUTOCUIDADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O GRUPO DE MULHERES DO CRAS AMARANTE

CAPELARI, Jaziela; VEIGA, Raiane Apolinária Rocha; TOMAZI, Kauany; AGUIAR, Giancarlo de

Resumo

Estudantes de Psicologia da UNOESC - Campus Videira realizaram a Atividade Prática de Ensino e Extensão no CRAS do Bairro Amarante em Videira - SC, em abril de 2026. O objetivo foi aplicar na prática os conhecimentos de manejo de grupo e compreender a atuação do psicólogo no Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

A ação foi desenvolvida junto ao Grupo de Mulheres e focou nos temas de autoestima e autocuidado. Em dois encontros, as acadêmicas utilizaram recursos visuais, técnicas de relaxamento e as dinâmicas "Caixa do Desafio" e "Espelho na Caixa". As atividades promoveram a reflexão sobre a sobrecarga feminina, o autoconhecimento e a troca de vivências entre as participantes. Baseada em teorias sobre grupos, e na atuação em políticas públicas, a intervenção buscou ir além do modelo clínico tradicional. Permitindo às estudantes desenvolver habilidades essenciais como acolhimento, escuta qualificada e fortalecimento de vínculos comunitários, unindo teoria e prática. Palavras-chave: CRAS. Grupos. Autoestima. Autocuidado.

1 INTRODUÇÃO

A Atividade Prática de Ensino e Extensão (APEX) da UNOESC tem como objetivo promover uma interação mutuamente benéfica entre os estudantes e a comunidade, por meio do desenvolvimento de ações relevantes para a região e do estímulo à pesquisa e à aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula.

Na 5ª fase do curso de Psicologia, como APEX, os estudantes realizaram dinâmicas e técnicas de grupo no Centro de Referência de Assistência Social

(CRAS) do Bairro Amarante, na cidade de Videira - SC. A proposta, de acordo com Giancarlo de Aguiar (2026), teve como objetivo proporcionar a compreensão do trabalho psicossocial desenvolvido no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), bem como a aplicação de conhecimentos relacionados aos manejos grupais e ao desenvolvimento de habilidades essenciais ao psicólogo, adquiridas na prática, como acolhimento, escuta qualificada e comunicação eficaz. Para isso, os estudantes deveriam planejar dois encontros com os grupos do CRAS, escolhendo temas pertinentes e dinâmicas a serem aplicadas, além de realizar uma entrevista com a psicóloga da instituição, a fim de compreender sua atuação no contexto.

Os autores realizaram a APEX com o Grupo de Mulheres do CRAS Amarante, composto por participantes na faixa etária de 40 a 49 anos, nas datas de 09 e 23 de abril de 2026. Nesses encontros, foi trabalhado o tema da autoestima e do autocuidado, sugerido pela psicóloga, por meio da aplicação das dinâmicas “Caixa do Desafio” e “Espelho na Caixa”.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. INSTITUIÇÃO/ORGANIZAÇÃO E PROCESSOS GRUPAIS

O Dicionário de Psicología y Psicoanálisis, citado por Bleger (1988), define a instituição como uma organização permanente de algum aspecto da vida coletiva, regulada por normas, costumes, ritos ou leis. Afirma que o termo pode ser usado de forma abstrata (por exemplo, a instituição do matrimônio) ou específica (um clube local, um estado ou governo, uma prisão, uma igreja). Autores como Bleger (1988) e Kaës (1988) ocuparam-se em discriminar essas duas acepções do termo, diferenciando-as em instituição e organização. Para Bleger (1988), a instituição refere-se ao conjunto das normas, regras e atividades agrupadas em torno dos valores e funções sociais. Já para o termo organização, o autor reserva aquela disposição hierárquica das funções que geralmente ocorrem no interior de uma área delimitada, como um edifício, por exemplo. Kaës (1988) complementa esta conceituação propondo que a organização tem um caráter mais contingente e concreto,

dispondo dos meios para atingir os objetivos; estes objetivos, os fins, seriam do domínio da instituição.

É um conjunto simbólico, pois é constituído por mitos, ritos, rituais simbólicos de iniciação e de passagem relacionados com sua história, fundação, fundadores reais ou imaginários. Esse conjunto simbólico sustenta e fundamenta a ação dos membros da instituição, dando sentido às suas práticas e vida. Ela pode então, oferecer-se como objeto ideal a ser interiorizada, a qual seus membros devem manifestar lealdade e mesmo se sacrificar. As instituições são também sistemas imaginários, oferecem a ilusão de que nela o sujeito terá todos os seus apelos atendidos, sejam seus desejos, fantasias, angústias, medos ou pedidos. Capturam o indivíduo nas armadilhas do próprio desejo, garantindo proteção e satisfação.

Para Kaës (1988), a instituição é uma formação da sociedade e da cultura que segue uma lógica própria; a instituição se opõe ao estabelecido pela natureza. Ao cumprir suas funções, ela realiza funções psíquicas múltiplas para os sujeitos singulares, em sua estrutura, dinâmica e economia psíquica. Mobiliza afetos que contribuem para a regulação endopsíquica e asseguram as bases da identificação do sujeito ao grupo social. Elas nos precedem e nos determinam, constituindo o fundo da vida psíquica no qual podem ser depositadas e contidas as partes mais primitivas e indiferenciadas da personalidade.

Por ser permanente, a instituição assegura funções necessárias ao psiquismo, como a mãe, que está na base das experiências de necessidade versus satisfação; ela até mesmo se confunde com a experiência de satisfação. Exerce o papel das leis de direito e, assim, adquire um status de sagrada; para o inconsciente, a instituição possui uma origem divina.

Após a definição do termo instituição, encontramos na etimologia da palavra grupo, um dos termos mais recentes das línguas ocidentais (ANZIEU, 1966). O vocábulo nasceu de group (laço ou nó), derivado do germano ocidental kruppa (massa circular), do léxico das belas-artes e, originalmente, significou um conjunto de pessoas pintado ou esculpido. A partir da etimologia, temos a consideração de duas linhas de força: o laço

demonstrando a união e o círculo representando o espaço fechado, cuja metáfora é a envoltura corporal e o corpo materno. Dessa forma, uma das características de um grupo é a possibilidade de oferecer um espaço que acolhe seus participantes, assim como pode provocar sentimentos de aprisionamento e frustração (ANZIEU, 1966).

Para Bleger (1988), o grupo é um conjunto de indivíduos que interagem, compartilhando determinadas normas na realização de uma tarefa. Mas é também uma sociabilidade estabelecida sobre um fundo de indiferenciação. Os estratos da personalidade que permanecem em estado de indiferenciação estão presentes na constituição, organização e funcionamento de todos os grupos, na forma de uma não-interação. A este tipo de relação, Bleger (1988) deu o nome de sociabilidade sincrética, em oposição a uma sociabilidade por interação. O nível da sociabilidade sincrética revela-se em um grupo por meio da comunicação pré-verbal, de um estado de fusão no qual não existe discriminação entre o Eu e o não-Eu. A sociabilidade sincrética é um tipo de pano de fundo sobre o qual se desenvolvem as interações propriamente ditas. Bleger (1988) dá o exemplo de um grupo de pessoas aguardando o ônibus em uma fila em silêncio. Ainda que não haja relação de interação, a sociabilidade sincrética está presente nas regras e normas que regem o comportamento dos indivíduos naquele momento. Uma relação "muda" da qual todos participam e a partir da qual podem – ou não – desenvolver outros tipos de interação.

Bleger (1988) afirma também que os grupos são instituições muito complexas. Se por um lado cada grupo é constituído por um conjunto de instituições, por outro, ele tem a tendência de se estabelecer como uma organização. Em outras palavras, um grupo tem a tendência de passar a existir por si mesmo, tornando o objetivo inicial cada vez mais marginalizado. A organização da interação pode chegar a tal grau que se torna antiterapêutica. Não só os grupos, mas toda organização corre o risco de ter seus objetivos primários deixados em segundo plano, submetidos a uma ordem e normatização alienantes.

2.2. FUNDAMENTAÇÃO SOBRE O FENÔMENO DA ATIVIDADE

Fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural e na Psicologia Social Crítica, compreende-se a atividade humana (Leontiev) como nexos mediador essencial entre o sujeito e a realidade social. É por meio da atividade coletiva e do trabalho mediado que os indivíduos significam o mundo e transformam suas próprias funções psíquicas superiores. Essa dinâmica materializa-se nos grupos sociais, que operam como um lócus de mediação onde as instituições, entendidas como as normas, valores e regras invisíveis que regulam a ordem social. Para Leontiev o sujeito da aprendizagem orienta-se por motivos, por fins a serem alcançados. Segundo ele, "o conceito de atividade está necessariamente unido ao conceito de motivo. Não há atividade sem motivo; a atividade 'não motivada' não é uma atividade sem motivo, mas uma atividade com um motivo subjetiva e objetivamente oculto" (Leontiev, 1978, p. 82).

2.3. ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NO CONTEXTO DO CAMPO

O psicólogo passou a integrar oficialmente as equipes do CRAS com a NOB-RH/SUAS, sendo reconhecido pela importância da dimensão subjetiva na promoção da cidadania e garantia de direitos. Nesse contexto, a atuação psicológica no SUAS busca fortalecer os usuários como sujeitos de direitos, considerando tanto os aspectos sociais quanto subjetivos de suas vivências.

Segundo o CREPOP (2008), o trabalho do psicólogo deve ocorrer de forma ética, interdisciplinar e integrada ao território, priorizando o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, a autonomia e a participação social. A prática profissional deve evitar a patologização e culpabilização dos usuários, rompendo com perspectivas assistencialistas e promovendo ações voltadas à emancipação social.

Além disso, o psicólogo no CRAS atua para além do modelo clínico tradicional, desenvolvendo intervenções coletivas e comunitárias, especialmente por meio de grupos e ações socioeducativas. Dessa forma, contribui para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais, fortalecendo a cidadania e a construção de sujeitos ativos dentro das políticas públicas.

Embora ainda existam desafios relacionados a práticas assistencialistas e normatizadoras, a inserção da Psicologia nas políticas públicas representou um avanço importante ao aproximar a profissão das demandas sociais e da defesa dos direitos da população em situação de vulnerabilidade. A (re)construção da identidade, como tecnologia utilizada por Ayres (2004), ou a constatação de que essa construção é contínua, é importante para que não se rotule o sujeito atendido como possuidor de características já definidas, mas o identificar como capaz de adquirir novos conhecimentos, possibilitando o aumento do seu repertório. É importante não atribuir às pessoas adjetivos que carreguem para a vida toda. Trata-se sobre a importância de reconhecer o Outro como sujeito dinâmico e complexo, não limitar a um usuário de programa social, do CRAS, CREAS ou Albergue. É preciso considerar o sujeito como complexo, que está representando um papel social naquele momento do atendimento, porém que possui potência. Quais as condições que possibilitam ou que impedem que esse sujeito se transforme sujeito de si próprio e não assujeitado? O que possibilita ou impede uma emancipação? A atuação do profissional do CRAS deve buscar responder a esses questionamentos e não considerar as características dessa população atendida como permanentes.

É possível perceber aproximações nos atendimentos dos profissionais da saúde com aquele que é ofertado no SUAS, especificamente no CRAS. As tecnologias desenvolvidas para a saúde podem ser utilizadas na assistência social. A construção de um acolhimento, a construção de vínculos, a responsabilização e promoção de autonomia podem ser exemplos de atuação que busca uma efetiva resolução da situação de vulnerabilidade que a pessoa se encontra. Diferentemente do SUS, o SUAS tem como público alvo uma população com características específicas, principalmente com vulnerabilidades sociais, beneficiárias de programas sociais, entre outros. Dessa forma, as tecnologias são necessárias para pensar no trabalho.

No acolhimento, o cliente deve poder relatar suas demandas, aproximar-se da política e do equipamento, compreendendo as possibilidades de atendimento que são oferecidas. O vínculo com o

profissional que atende permite uma abertura para que se reflita a respeito da vulnerabilidade social, econômica, assim como a respeito da possibilidade de garantia de direitos, acesso às políticas, acompanhamento familiar, acesso a benefícios sociais, entre outros projetos oferecidos. A responsabilização ou co-responsabilização possibilita a superação da política assistencialista. A construção de um acompanhamento em conjunto permite que o usuário reflita a respeito das possibilidades de alterar seus padrões e história de vida, assim como de se identificar com outras formas de ação dentro do território. Ou ainda, caso deseje, possa afirmar a sua posição contrária aos padrões socialmente aceitos.

Os grupos possibilitam o acolhimento e construção de vínculo com o equipamento da assistência, outros usuários e com os profissionais. Um usuário que é atendido pelo CRAS conhece e passa a ter acesso às políticas públicas, às políticas de transferência de renda, aos programas sociais, aos projetos municipais, aos serviços de convivência, entre outros, podendo optar pela participação, o que permite que ele atue de acordo com aquilo que se identifica, aquilo que deseja. O SUAS também possui espaço para a participação social, por meio dos conselhos de direitos, por estimular a participação da população nas conferências municipais, estaduais e federais. A população é estimulada a observar, refletir e participar das construções das políticas, o que estimula também a autonomia e o protagonismo. Os serviços do CRAS devem ser construídos a partir das demandas da população, o que pode ser considerado uma forma de responsabilização.

Propomos que o psicólogo do CRAS atue observando as políticas de Cuidado propostas por Ayres (2004), superando os limites da clínica tradicional e compreendendo as realidades vividas. A existência de um profissional da psicologia capacitado para operar dessa forma, faz com que a instituição não se desenvolva na lógica de desassociar a população, potencializando os sujeitos na dimensão da sua criatividade. O psicólogo atua em conjunto com os atendidos, com base em um vínculo de confiança e apoio. Esse tipo de atendimento auxilia em mudanças reais e na superação de traumas. A

proposta do psicólogo é atuar com interesse na experiência e na troca com a população.

2.4. DESCRIÇÃO DO LOCAL

A Atividade Prática de Ensino e Extensão foi realizada no CRAS Amarante, localizado na Rua Aytir Zanotto, bairro Amarante, no município de Videira/SC. Atualmente, a instituição conta com uma equipe multiprofissional composta por coordenação, assistente social, psicóloga, duas orientadoras sociais e uma estagiária. A estrutura física do CRAS é composta por sala de coordenação, sala da equipe técnica, sala destinada ao Cadastro Único, sala das orientadoras sociais, sala de atividades, cozinha, banheiros e recepção.

2.5. ENTREVISTA COM PSICÓLOGA

A psicóloga do CRAS, Jéssica Barros, graduada na UNOESC - Campus Joaçaba, atua na instituição há dois anos, atendendo os bairros Amarante, Cidade Alta e Santa Gema da cidade de Videira/SC. Durante a entrevista, relatou que enfrentou dificuldades ao ingressar no CRAS, pois sua formação teve um enfoque clínico, o que fez com que inicialmente não compreendesse plenamente o papel do psicólogo nesse contexto. Dessa forma, encontrou desafios para adaptar sua atuação profissional às demandas do serviço.

A profissional destacou que os atendimentos realizados não possuem caráter terapêutico. Entre suas atribuições estão os atendimentos espontâneos, os encaminhamentos, a elaboração de planos de atendimento familiar, as visitas domiciliares agendadas, as reuniões com as famílias, além das avaliações para concessão de benefícios. Ressaltou ainda que o trabalho desenvolvido ocorre em parceria com a assistente social, em um viés psicossocial.

Em um primeiro momento, a psicóloga realiza o acolhimento das famílias, buscando estabelecer vínculos, evitando que os usuários interpretem o serviço como um mecanismo de fiscalização. Nesse sentido, enfatizou a

importância de uma equipe permanente para o fortalecimento dos vínculos com a comunidade, uma demanda identificada pelos próprios usuários.

Segundo a entrevistada, o CRAS desenvolve ações por meio do Programa de Atenção Integral à Família (PAIF) e dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Embora participe das atividades grupais, ela não atua como coordenadora dos grupos, função que é desempenhada pela orientadora social.

2.6. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

As atividades foram realizadas no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, do Bairro Amarante (Videira/SC), totalizando 8 horas de prática e planejamento de material, com foco no desenvolvimento de ações voltadas à autoestima e ao autocuidado com o Grupo de Mulheres atendidas pela instituição.

No primeiro dia de atividades (09/04/2026), inicialmente foi realizada uma entrevista com a psicóloga e conhecimento da estrutura institucional, com o objetivo de compreender o funcionamento da instituição dentro da Política de Assistência Social, quais as atividades ofertadas à comunidade e as formas de atuação da profissional de psicologia no território e dentro da equipe multidisciplinar. Durante a entrevista, foram discutidas as principais demandas atendidas pelo serviço, bem como a importância das ações socioassistenciais desenvolvidas com os grupos, nesta entrevista esteve presente também a Assistente Social.

Após esse momento, as acadêmicas se dirigiram para o grupo de mulheres, iniciando as atividades com a apresentação das acadêmicas e explicação da proposta do encontro. Em seguida, foi realizada uma apresentação em slides abordando conceitos de autoestima e autocuidado, abordando de forma dinâmica e reflexiva a importância da valorização pessoal, do reconhecimento das próprias qualidades, do cuidado com a saúde emocional e da necessidade de reservar momentos para si mesmas no cotidiano.

Durante a exposição, também foram discutidos aspectos relacionados à sobrecarga vivenciada por muitas mulheres em suas rotinas familiares, profissionais e sociais, enfatizando como essa realidade pode impactar negativamente a autoestima e o bem-estar emocional.

Durante a atividade, as participantes foram convidadas a refletir sobre a seguinte pergunta: “O que você pode fazer por você, mas que ultimamente tem adiado ou algo que você gosta e tem deixado de fazer? Após esse momento de reflexão individual, cada participante registrou sua resposta em um papel.

A proposta da atividade teve como objetivo estimular o autoconhecimento e a percepção sobre a importância de reservar tempo para si mesmas, identificando atitudes, desejos ou cuidados pessoais que muitas vezes acabam sendo deixados de lado devido à rotina, às responsabilidades familiares, profissionais e às demandas do cotidiano. Durante a reflexão, surgiram questões relacionadas ao cuidado com a saúde física e emocional, momentos de lazer, autoestima, descanso, exames laboratoriais e consulta médica.

A atividade também possibilitou que as participantes percebessem como, frequentemente, priorizam o cuidado com os outros e acabam deixando em segundo plano seus próprios sentimentos, desejos e necessidades. Além disso, favoreceu momentos de identificação e troca de experiências entre o grupo, promovendo conscientização sobre a importância do autocuidado como forma de fortalecimento emocional, bem-estar e qualidade de vida.

Posteriormente, foi desenvolvida a dinâmica “Caixa do Desafio”, na qual uma caixa era passada de mão em mão (em círculo, sentadas). As participantes foram incentivadas a parar a dinâmica, a abrir a caixa e realizar o suposto “desafio”. Entretanto, ao abrir a caixa, a participante encontrou bombons, percebendo que nem sempre um desafio, ou algo que me cause medo, insegurança, necessariamente será algo ruim. Ao final, foi realizado um feedback coletivo sobre os sentimentos e percepções despertados pela dinâmica. Para encerrar as atividades do dia, foi proposta uma revisão do

aprendizado por meio de uma palavra que representasse a experiência vivenciada pelas participantes durante o encontro.

No segundo dia (23/04/2026), iniciou-se o encontro com uma Técnica de Relaxamento guiada por uma acadêmica, em seguida breve retomada do conteúdo trabalhado anteriormente sobre autoestima e autocuidado, permitindo que as participantes compartilhassem seu entendimento relacionado ao tema.

Na sequência, foi realizada uma dinâmica em que cada participante recebeu um papel e foi convidada a escrever uma qualidade que reconhecia em si mesma, com o objetivo estimular o autoconhecimento, a percepção das próprias características positivas que, muitas vezes, passam despercebidas no cotidiano.

Após esse momento de reflexão individual, as participantes compartilharam suas respostas com o grupo, relatando experiências pessoais, sentimentos e percepções relacionadas às qualidades identificadas e após cada relato as participantes juntas em voz alta proferiam a seguinte frase: "VOCÊ É IMPORTANTE!". O momento favoreceu a troca de vivências, o fortalecimento dos vínculos grupais e a promoção de um espaço acolhedor de escuta bem como, possibilitou que as mulheres reconhecessem a importância de olhar para si mesmas de forma mais positiva, valorizando suas capacidades, histórias de vida e potencialidades.

Posteriormente, foi aplicada a dinâmica do espelho na caixa, momento em que as participantes eram convidadas a olhar dentro de uma caixa contendo um espelho e, ao visualizar a própria imagem, deveriam dizer uma mensagem positiva para a pessoa que estavam vendo. A dinâmica proporcionou momentos de emoção, reflexão e incentivo ao reconhecimento das próprias qualidades e potencialidades.

Ao final das atividades, foi realizado um momento de encerramento com agradecimento às participantes do grupo de mulheres do CRAS pela receptividade, carinho e participação durante os encontros. As acadêmicas destacaram a importância da troca de experiências e da vivência das atividades propostas sobre autoestima e autocuidado.

Em seguida, foram realizadas fotos para registro das atividades desenvolvidas e, para finalizar, foi entregue um bombom contendo uma mensagem motivacional, como forma de carinho, agradecimento e valorização das participantes.

3 CONCLUSÃO

A atividade de APEX proporcionou um espaço de vivência entre a teoria e a prática profissional, permitindo uma experiência na realidade da Política de Assistência Social. Esta atividade compreendeu desde o conhecimento do equipamento social e a entrevista com a psicóloga de referência até a facilitação do grupo com as mulheres, através da dinâmica do espelho e do desafio, bem como da abordagem teórica sobre autoestima e autocuidado. A experiência permitiu desenvolver habilidades de acolhida, escuta qualificada, observação e manejo grupal, que são estratégias de fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Desse modo, através da atividade de APEX, tivemos a oportunidade de ampliar as percepções sobre a importância do grupo, bem como sobre a relevância da atuação psicológica pautada na ética, na despatologização e no acolhimento integral, instrumentalizando as futuras psicólogas para as demandas e especificidades das políticas públicas de saúde mental e social. Como grupo composto por três acadêmicas, percebemos a importância do trabalho em equipe, da sensibilidade no acolhimento e da atuação ética e humanizada da Psicologia nos espaços de atendimento social.

REFERÊNCIAS

ANZIEU, D.; KAËS, R. Crônica de un grupo. Trad. Hugo Azevedo. México: Gedisa, 1989

ANZIEU, D. O grupo e o inconsciente: imaginário grupal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1990. Original publicado em 1966.

DE AGUIAR, Giancarlo. Plano de Ensino e Aprendizagem. Videira:

Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2026.

KAËS, R. Realidade psíquica e sofrimento nas instituições. In: KAËS, R.; BLEGER, J.; ENRIQUEZ, E.; FORNARI, F.; FUSTIER, P.; ROUSSILLON, R.; VIDAL, J. P. (Orgs.). A instituição e as instituições. Trad. J. P. Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1988, p. 1-39.

LEONTIEV, A. N. Actividad, conciencia y personalidad. S. I. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, 1978

Ayres, J. R. C. M. (2004). Cuidado e reconstrução das práticas de Saúde. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, 8(14),73-92.

OpenAI. ChatGPT. Utilização de Inteligência Artificial (IA) na criação de conteúdo para técnicas e dinâmicas de grupo. Disponível em: https://openai.com/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 08 abril 2026.

Sobre o(s) autor(es)

(1) Acadêmica da 5ª fase do Curso de Psicologia, da UNOESC Campus de Videira. E-mail: jaziella@hotmail.com

(2) Acadêmica da 5ª fase do Curso de Psicologia, da UNOESC Campus de Videira. E-mail: raianapolinaria23@gmail.com

(3) Acadêmica da 5ª fase do Curso de Psicologia, da UNOESC Campus de Videira. E-mail: kauanytomazi@gmail.com

(4) Pós-Doutorado em Psicologia Socioambiental pelo Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP.USP). Docente na UNOESC Campus de Videira. E-mail: giancarlo.aguiar@unoesc.edu.br

Primeiro Encontro



Fonte: Autores

Segundo Encontro



Fonte: Autores

Dinâmica



Fonte: Autores

Encerramento com a Equipe do CRAS



Fonte: Autores

Fonte:

Fonte: